Sempre gostei das músicas do Nando Reis, por isso, falar sobre o seu novo trabalho é quase como dar um depoimento de fã.

A Letra A é uma obra de integridade artística rara. Daquelas onde os poetas defendem o que sentem com as palavras mais precisas e as confissões mais fortes. Porque não se constrangem com as revelações, pelo contrário, vivem delas. Arrebatando imediata identificação de quem por elas é atingido.

Assim, escutar A Letra A é um prazer desses que sentimos quando nos percebemos entendidos. Devem falar isso para ele o tempo todo, mas parece que Nando compreende as nossas confusões. Permitindo-se a si mesmo ser confuso.

Somente os grandes artistas são capazes de nos passar as perfeitas cores das sensações, e Nando Reis consegue isso, canção após canção. Como num dos versos de Dentro do mesmo time, a impressão é que ele “escolhe o esmalte meticulosamente” de cada emoção.

E como Nando Reis canta... Na sua voz díspar, entre melodias exatas - nunca exatas a ponto de serem previsíveis -, o ouvinte de A Letra A será primeiro levado a sentir o que ele sente, para depois entender o que Nando defende com a sua música. Música que gruda nos ouvidos, não por ser fácil, mas honesta e boa. Música que lembra a gente dos velhos e ternos sentimentos, que fazem do amor um clichê universal.

Por isso os clichês só sobrevivem aos poetas, pois eles respeitam a inteligência dos lugares-comuns. “Certeza é o chão de um imóvel, prefiro as pernas que me movimentam”; canta Nando.

A Letra A é, antes de tudo, um disco gentil a todos. Já que os sons entram déspotas nesses ouvidos nossos, todos sem pálpebra, violentáveis, Nando propõe sua música como franqueza e prazer. Numa falsa homogeneidade sonora, que não tem nada da “limpeza” dos sucessos produzidos para os dias de hoje.

Há equilíbrio, mas sem caretice. Há o universo masculino do homem que ama o feminino. E a mulher “que arruma seu cabelo procurando aquele efeito que o mundo não quer reparar”.

A Letra A parece mesmo indicado para aquelas circunstâncias em que se ouvir um disco é uma necessidade vital. Um disco que diz tudo. E contudo A Letra A não é um disco de fossa ou coisa parecida. Sobrevive otimamente ao cd-player de um carro com crianças e babás, digo isso por experiência própria. Não é exatamente para festas, mas anima. Não cura, mas preenche a solidão. Um disco, enfim, que pode ser desfrutado com um copo de leite ou de cerveja.

Só não diria que A Letra A surpreende, pois o talento de Nando Reis já me surpreende há muito tempo. E Nando está inteiro nesse trabalho, inteiro como nunca.

O encarte do cd deve ser lido e relido. Com ou sem a música estar tocando. Experimente fazer uma leitura em voz alta da quarta faixa, Hoje Mesmo. Depois, perceba como a música é orgânica a eles.

A quinta faixa, De the pra te, é tão maduramente lisérgica, que merece o lá-lá-lá que o cantor entoa, descrevendo assim o desejo de uma provável musa. Feliz aquela que lhe serve de inspiração. Meu posto fará sucesso em todos os corações que batem ao ritmo da Língua Portuguesa - tem tudo ali: saudade, reencontro, medidas do amor, resfriados, primeiro de maio, beijos e desejos.

A Letra A prova que Nando Reis, mais que um “fazedor de hits”, é um autor inspirado, e dado a pontuações perfeitas. Não há sambinhas, rocks pesados, baladas lacrimejantes. É um trabalho Nando Reis. Assinado.

Melodia e palavra, com ele, dá nisso: integridade.